

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

BURLE MARX: e a Pedagogia dos Jardins

Jaqueline Ribeiro Maximiano¹
Claudio Luiz Garcia²

RESUMO

Hoje, escutamos falar que a natureza é um contraponto da cultura, embora não concordemos com as opiniões dualistas, decidimos, sem contestar, estabelecer uma relação complementar entre os jardins (coisa próxima do natural) e a cultura (coisa próxima do artificial). Esta, quando envolvida pela educação, pode abordar a memória como o lugar da constante revitalização da cultura. Assim, propusemos atividades de jardinagem, tendo como referência os jardins de Burle Marx. No ambiente escolar, conseguimos algo que vinculasse a natureza e a cultura numa relação mnemônica e pedagógica. O conhecimento adquirido na experiência de prática de jardinagem serviu de caminho para a formação continuada de professor de artes e estímulo para que os estudantes se envolvessem na escola e em seu meio, permitindo a efetivação da prática adquirida através da análise da multidisciplinaridade e do conhecimento vindo de desafios propostos em seu cotidiano como escolha de plantas, cultivo, escolha de espaços, ocorrendo o reconhecimento destes e a sequencia de novos jardins para os próximos anos, pois estes permitem em sua criação mudanças e incentivos que vigoram na trajetória escolar.

“Palavra-chave”; Burle Marx, arquitetura escolar, espaços ajardinados, criação de jardins.

¹ Professora PDE Jaqueline Ribeiro Maximiano, de Arte no Colégio Estadual Polivalente de Apucarana. E-mail: Jaqueline.maximiano@escola.gov.com.br

² Orientador Professor Doutor Claudio Luiz Garcia. IED UEL Universidade Estadual de Londrina – Departamento de Arte. E-mail: claudio.luiz.garcia@gmail.com

Introdução

Prof. PDE Jaqueline Ribeiro Maximiano

Prof. Dr. Claudio Luiz Garcia.

“ Digitus, que significa dedos, esta planta está associada as fadas que costuravam as flores para que elas formassem luvas que seriam usadas por amigáveis raposas, permitindo que elas saíssem dos galinheiros sem que deixassem pegadas que a incriminassem, pertence à família das Plantaginaceae, a Digitalis púrpurea pode crescer até 1,5m”.Latim para Jardinistas; Lorraine Harrison (2012, pg.76)

Compreender a prática docente como uma possibilidade de construção e análise de espaço com alunos foi uma percepção diferente, pois, na atualidade, os caminhos, na educação, precisam ser repensados de forma crítica e existencial, como possibilidades de interação com o meio em que está inserido. Sem dúvida, essa era uma das propostas de Burle Marx, com sua pesquisa integradora, que possibilitava a coexistência entre possibilidades de cor, espaço, doação e análise, cujo resultado seria evidenciado, mais tarde, no meio escolar. As possibilidades que se apresentam então se refletem através dos estímulos sensoriais potencializando a arte através de uma estética do cotidiano, e do próprio espaço em que as cores, se movimentam através de mudanças reais e interferências próprias, o orgânico em suas linhas desafia a criatividade de compreender mudanças ao longo do tempo e suas intensas abordagens.

. Ao longo do tempo a história da arte demonstrou que artistas independentem ou não de seu nome, nos legou obras que demonstram uma busca incansável para saciar a contemplação do olhar, a apresentação do que estava disponível este elemento subjetivo ganhou diversas leituras apreciadas principalmente na Arte Contemporânea, porém a observação de que estes espaços precisam coexistir com a sociedade pra provocar uma contemplação de todos que nela estão inseridos trazem a tona as possibilidades que a própria arte sempre despertou em todo ser humano, como a existência de um lugar, e onde estariam os olhos do artista ao fixar aquele momento em tela, na fotografia ou no próprio cinema. O artista busca soluções pictóricas para

responder uma questão cuja formulação esteve presente em sua construção de obra, revelando o processo, o espaço, e o conjunto observado.

Para trabalhar com jardins no espaço escolar existente, foi preciso instrumentalizar os alunos com conhecimentos teóricos sobre o tema, previsto no ano letivo, ou seja, sobre a história dos jardins como um recorte, o que possibilitaria visões reais e a análise da existência desses espaços desde os primórdios da civilização humana. Essas discussões sobre o artista e o espaço de criação geralmente envolveram artistas, respeitando as linhas gerais traçadas anteriormente para o próprio desenvolvimento dos jardins, as aspirações do espaço a serem modificados, os conhecimentos agregados permitiram uma exposição de fatos determinantes para a construção e a existência dos jardins. Como o sistema educacional permite a gestão de inúmeras possibilidades de construção de referências, o projeto de um jardim no espaço escolar seria uma ideia viável.

Panorama Histórico

“*Jasminum* planta de aroma marcante, cujo perfume tem um efeito calmante, tanto em animais como em pessoas. Pertence à família *Oleaceae*, a maioria dos jasmims é arbusto de tamanho médio e com características de trepadeiras.”(2012, p.45)

Os mais famosos jardins percorrem a Bíblia sagrada, mas, em todas as concepções religiosas, estes são essenciais, pois permitem a contemplação de linhas, elementos naturais, além de imensas quedas d'águas. As diferentes culturas deixaram, como legado, jardins encantadores, que permitiam sonhar com pedaços do paraíso. Registros de povos ao longo da história evidenciam as características necessárias para o desenvolvimento de espaços ajardinados.

Os Jardins Zen, presentes, inicialmente, no Japão, desde os primórdios tiveram a finalidade de aquietar o espírito humano, propondo questões que levam à disciplina e, de certa forma, a uma austeridade visual, pois raramente fazem uso de floríferas devido à sua efemeridade. São jardins que refletem o tempo em sua agilidade ou lentidão, pois todos os que percorrem um jardim desse estilo são convidados a questionar seus próprios rumos. Entretanto, esses espaços não estão ligados a nenhum tipo de resposta, apenas instigam questionamentos individuais, já existentes.

Relatos históricos apontam que o povo asteca, aparentemente, foi o primeiro a desenvolver jardins botânicos com sistema de irrigação, que já era utilizado em suas plantações de cacau e baunilha. A água era transportada por longas distâncias até chegar aos seus locais de cultivo. O desenvolvimento dessas plantas estava ligado, diretamente, à religião, e os jardineiros eram considerados especialistas, pois água, plantas e sacrifícios estavam interligados em uma cadeia monumental, que se concretizava em grandes extensões de jardins divinos.

Entre os mongóis, os jardins faziam parte do que eles denominavam Tumbas-jardins, pois o termo paraíso pode ser traduzido como “jardins cercados”. Aos poucos, as casas particulares e a própria cidade foram contempladas com a preocupação de se integrar o verde no cotidiano da vida. Os xeiques, ao longo de sua história que se confunde com o próprio deserto,

foram os responsáveis por desenvolver, no espaço de suas arquiteturas particulares, o cultivo de flores perfumadas, que impregnavam o ar. Com o tempo, esse hábito se ampliou por toda a cidade, o que permitiu aos moradores vivenciarem a experiência de entender a força, o poder e a grandiosidade da natureza divina.

Descobertas arqueológicas da cidade de Pompéia demonstram a existência de jardins internos, com forte influência grega, onde havia a mistura de ervas aromáticas e de temperos com plantas floríferas, como o acanto e árvores decorativas ou de caráter religioso, além de frutíferas, como macieiras. Os pergolados já eram comuns, nessa época, inspirados nos templos, onde plantas se entrelaçavam, propiciando cobertura, sombra e beleza. Esses jardins influenciaram os jardins franceses.

Os jardineiros romanos, nesse período, desenvolveram e se especializaram na arte da topiaria, que é o recorte de determinadas plantas para formar figuras de adorno para os espaços ajardinados em praças ou residências particulares. Esse processo envolvia a figura de animais e a própria geometrização dos jardins, o que, séculos mais tarde, encontra-se como referência nos jardins franceses, com destaque para o de Versalhes, no reinado de Luís XIV, desenvolvido pelo paisagista André Le Nôtre e pelos engenheiros de canais da família Francine, que lhe imprimiram o esplendor que perdura até os dias de hoje. O castelo de Villandry, situado no Vale do Loire, construído por Jean Le Breton, possui um jardim com paisagens de caráter ornamental e composições temáticas, cujo destaque é um labirinto inspirado nos que foram desenvolvidos durante o período renascentista. No Brasil, essa técnica, que chegou com a família real portuguesa, concretizou-se nos jardins do Museu da Independência, situado em São Paulo.

É importante lembrar que plantas nacionais não recepcionam bem o processo de topiaria, pois tal técnica exige o cultivo de arbustivos que cicatrizam rapidamente, como o pingo-de-ouro (*Duranta erecta*), já comumente encontrado nos jardins escolares.

Os processos civilizatórios demonstram a necessidade que cada povo, segundo suas características próprias, sentiu a necessidade de desenvolver espaços ajardinados. Hoje, os jardins fazem parte da vida cotidiana da cidade e das residências particulares, mas também do espaço

escolar. Nesse contexto, os conhecimentos e as técnicas foram, ao longo tempo, compartilhados e enriquecidos com ideias próprias de cada cultura e realidade geoclimática. Assim, o jardim passou a fazer parte das comunidades sociais como espaço de convívio. Como aponta KOWALTOWSKI (2011, p. 168), a “natureza ensina aspectos das estruturas ecológicas com diversidade, como um estímulo ao pensamento criativo.”.

1.JARDINS NO BRASIL

Passifloraceae, o maracujá é uma trepadeira vigorosa e muito vistosa. Suas flores em formato de pires inspiram seu nome. “*Passio é a palavra em latim para paixão ou sofrimento, flos significa flor, sua origem é América do Sul, produzindo frutos muito apreciados em formato de ovo.*” (Lorraine Harrison, 2012, p. 154).

No Brasil, os estudiosos, que aqui desembarcavam, consideravam verdadeiros jardins as praias munidas de vegetação abundante e espécies nunca vistas, entretanto, são somente com a chegada da corte ao país, que trouxe inúmeros artistas, que jardins planejados começaram a existir. Durante a permanência de Dom João no país, a botânica torna-se um elemento de pesquisa, que envolve artistas naturalistas, como Debret, que registrou o cotidiano brasileiro em seu livro *Viagem Pitoresca pelo Brasil*, com estudos sobre frutos, grãos e flores aquarelados. Muitos desenhos foram parcialmente ou totalmente copiados de naturalistas, pois a flora brasileira era desconhecida, como é possível analisar em suas anotações no já referido livro.

Conforme o desenvolvimento das cidades, espaços foram sendo criados para o convívio social, entretanto, houve um longo período de repressão após a Inconfidência, quando se evitava a aglomeração de pessoas em espaços públicos. As ideias do iluminismo, aos poucos, acabaram influenciando a criação de um espaço para que a população tivesse acesso ao convívio direto com a natureza e à interação social. Assim, o local escolhido para tal foi um pântano que tinha uma visão fabulosa da orla marítima, mas o ar não era muito agradável. Assim, foi criado o Passeio Público do Rio de Janeiro, capital do país naquele momento histórico, desenvolvido sob a tutela e influência da geometrização, não aplicada em forma octogonal até aquele

momento, pois, normalmente, se buscava quadrados. Projetado pelo Mestre Valentim e, para muitos estudiosos, inspirado nos jardins portugueses e não apenas nos franceses, como aparenta a princípio, o acréscimo de divisão de espaços e elementos escultóricos que permitem que os visitantes percorram caminhos influenciados pelos moldes europeus e, devidamente, nomeados, fez com que o Passeio Público conquistasse a população carioca daquele momento. Ganhou a música, a poesia e um caminho único demonstrado pelo portal de entrada em estilo neoclássico _ *pinturesco*, um acesso a mistérios e possibilidades únicas do que seriam lugares povoados por flores e encantos misteriosos que instigam a imaginação.



Pórtico do Passeio Público 1835 Gravura de Karl Von Teremin Pórtico da entrada Xadrez – Xeque-Mate 2017

Os anos se passaram e Burle Marx recebeu um Rio de Janeiro extravagante no que diz respeito a seus espaços públicos e ousado na arquitetura e urbanismo, que se desenvolviam vertiginosamente. Seu encanto por jardins foi alimentado ainda na infância, assim, quando adulto, Marx buscou na Europa o que o Brasil tinha, e de lá assegurou possibilidades infinitas de visão real e incansável do que poderia ser feito em termos de paisagismo.

As repetições simétricas foram substituídas por elementos orgânicos, linhas curvas, espirais sinuosas, mescla de cores e texturas aparentemente sem controle. Assim, desaparecem as margens, que são ousadas em seus elementos condutores e se mesclam com o meio, permitindo que os olhos apreendam diferenciais e ousadias, impossíveis de ser captados em um único momento, o que exige contemplação, espera, busca exatamente como se dá com o conhecimento. A arquitetura escolar compreende amplo

leque de diferenças em relação a outros tipos de construção, assim, é um prédio em que se caminha para o inesperado, desse modo, sentar-se sob a sombra ou contemplar uma flor pelo encanto desta estar ali, propicia momentos agradáveis e relaxantes. Nas cidades, os jardins constituem espaços secretos com muitas possibilidades de contemplação e/ou socialização.

Para o paisagista Marx, os jardins devem fazer parte do cotidiano das pessoas, principalmente, em um país, como o Brasil, reconhecido pela ousadia e abundância de sua natureza. Assim, um jardim não deve retirar o que se estava presente, mas integrar as possibilidades, pois não é apenas o ornamento das plantas que se vislumbra, mas o despertar o olhar estético, que instiga o emocional e o cérebro. Nesse contexto, este estudo visou a instigar a criatividade dos educandos para criarem possibilidades de jardins no entorno do prédio escolar.

2.1 Estilos de Jardins

“O termo *Pratensis* nos diz que a planta pode ser encontrada nos prados, *Geranium pratens* é de cultivo fácil e se adapta bem em campos semeados naturalmente. Ela atinge até 75 cm de altura” (Loraine Harrison, 2012, p.168).

Para que se pudesse propor o desenvolvimento de jardins no entorno do prédio escolar, buscamos conhecimentos teóricos que respondessem às necessidades dos alunos para tal. Assim, foram selecionados conteúdos que propiciassem a análise do espaço arquitetônico escolar e debates sobre as possibilidades de implementação de jardins e de como mantê-los com cuidados específicos. Depois de estudar e pesquisar o que seria possível no amplo espaço disponível, chegamos a algumas conclusões, que possibilitaram a configuração de algumas ideias que se adaptavam à arquitetura moderna que predomina em nosso espaço escolar.

2.2 Jardins Japoneses



Colégio Estadual Polivalente – PDE 2017 (*Ophiopogon paponicus*, *Nephrolepis pectinata*, *Ixora coccínea* ‘Maui Sunset’).

Os elementos foram traduzidos de forma representativa, pois os alunos amarraram orquídeas nos troncos do palmito ali existente, combinaram pedra, água e plantas de maneira simples, para inspirar tranquilidade, embasados em pensamentos filosófico-religiosos e simbólicos. Como esse jardim fica em frente à porta de entrada do setor de Direção, Pedagogia e sala dos professores, todos concordaram que a serenidade seria muito bem vinda: a predominância do verde ligado ao eterno; sem floríferas, pois estas são efêmera lagos secos que remetem à família; e curvas orgânicas ligadas aos caminhos que se percorre ao longo da vida.

2.3 Jardins Franceses



PDE-2017(*Iris pseudacorus*, *Kalanchoe blossfeldiana*, *Viola X wittrockiana*)

Traços geométricos e precisos, simetria de árvores e arbustos revelaram o caminho perfeito para o portão de acesso do Colégio. Quando este se abre, agora revela vasos, simetricamente, dispostos. A topiaria está prevista

somente para daqui a alguns anos, e as esferas e triângulos não estão na lista das preferências. Há predominância do verde e a manutenção de características já existentes. Os alunos apostaram em floreiras coloridas de forma uniforme e o contraste ficou por conta das flores. O corredor de entrada permite, agora, um vislumbre, por parte de quem vê de fora, de um panorama diferente dos comuns meios escolares: organização e estética, que fogem da padronização e, assim, ganham personalidade. Para KOWALTOWSKI (2011, p.105), o “projeto padrão necessita de flexibilidade, para permitir ajustes as condições peculiares de implantação.”.

2.4 Jardins Ingleses



PDE-2017 (*Allamanda polyantha*,)

Gramado predominante, árvores isoladas, desníveis de terreno, traçado orgânico são características desenvolvidas pelos primeiros paisagistas do período neoclássico e pinturesco, como John Nash e Humphry Repton, que aboliram a ideia de arrancar tudo o que já existia para criar um espaço baseado na sensação um caos harmônico.

2.5 Jardins Desérticos



PDE-2017 (*Dracaena draco*, *Echeveria*,).

Conhecidos por serem secos ou rochosos, os jardins desérticos utilizam plantas xerófitas, que desenvolveram a habilidade de reduzir a perda de água, além de serem tolerantes ao vento, estiagem e férias escolares. As características são extremamente versáteis e exigem baixa manutenção. Houve versões conjuntas de todos os estilos, afinal, a liberdade e a possibilidade de criar foram infinitas.



3.1 A Construção de Jardins Pedagógicos

Iris albicans seu cultivo é desde os tempos antigos. Seu nome popular íris-do-cemitério, refere-se à tradição muçulmana de plantá-la próxima a túmulos. Originária do Iêmen e da Arábia Saudita, esta planta não aprecia regiões frias, mesmo que possa suportar baixas temperaturas (Lorraine Harrison, 2012, p.20)

Cada vez mais, os estudos sobre espaços escolares com jardins inseridos vêm mostrando que áreas verdes são necessárias para que os alunos e outros frequentadores desenvolvam relações pessoais e com as várias áreas do conhecimento, da expressão humana e das suas circunstâncias de vida. Nesse sentido, segundo Burle Marx (1998, p.02), “pensando bem, a arte dos jardins é provavelmente a mais ambígua, a mais difícil e ao mesmo tempo a menos apreensível de todas as artes.”.

Ainda segundo o paisagista, a paisagem seria um processo de natureza social, não individual, vinculado às condições de comunicação que, por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais _ o social determinando a leitura e constituindo seu significado. Nesse sentido, para Vygotsky (1960-1981 p. 162):

Qualquer função mental superior necessariamente percorre um estágio externo em seu desenvolvimento porque é de início, uma função social. Este é o núcleo de todo o problema do comportamento interno e externo. Quando falamos de um processo “externo”, queremos dizer “social”. Qualquer função mental superior já foi externa, porque em um determinado momento foi social, antes de se tornar uma função interna, verdadeiramente mental.

Os jardins não produzem apenas uma comunicação visual de sentido estético, mas constituem uma fração dos meios que o ser humano utiliza para sua evolução social. Isso gera uma relação entre espaço e cidade, que é a interação entre alunos, no caso das escolas. Os jardins produzem relações entre cor, harmonia, espaço e tempo de fruição, no contexto social em que estão inseridos. A arte, ao longo do tempo, utilizou flores em trabalhos artísticos. Leonardo da Vinci, com um maço de violetas (1487-90), chamou a atenção para o singelo, assim, uma maravilha poder satisfazer uma sociedade complexa e exigente, dando-lhe singelas guloseimas concretas (JACOBS, 2000).

Portanto, não é só para quem planta e vai colher essas flores, anos depois, que elas produzem o sentido da paisagem. Tanto quem cultiva como quem transita tem parte na criação de sentido dos jardins. Read (2001, p. 231) afirma que “qualquer aplicação de um padrão externo, em termos de técnica ou de forma, imediatamente provoca inibições e frustra todo o objetivo.”.

É possível perceber que, para compreender um jardim de forma mais ampla, o fazedor tem que ir além de sua interpretação, ou seja, precisa passear pela sua compreensão de que os jardins não permitem donos, apenas usufrutuários e construtores constantes:

A maioria dos arquitetos abandonou ou por covardia ou por questões financeiras o mundo das coisas construídas em harmonia com a natureza, dando a vez às cidades feias e subúrbios a horrorosos. Para chegar à compreensão não basta cultivar, é preciso ir ao contexto de situação (imediate e histórico). Ao fazê-lo, pode-se apreciar o lugar em que o espaço foi concluído se constitui como tal e cumpre a essência do jardim” (PORCIANI, 1998, p. 75).

Na sequência, o mesmo autor assinala que “cabe ao arquiteto paisagista encontrar uma forma de remediar isto. Mas é necessário um arquiteto paisagista capaz de refletir antes de agir.”.

O aluno apto a construir um jardim, em um espaço escolar ou em sua própria casa, está inserido na sociedade como um todo, assim, processa informações rapidamente. À medida que ele vai cultivando áreas verdes e encontrando dificuldades, seu cérebro vai procurando soluções em seu arquivo mental. Desse modo, ele desenvolverá estratégias de leitura que englobam seleção, antecipação e verificação.

O primeiro procedimento realizado foi assistir a vídeos sobre a construção da obra de Burle Marx, e reconhecer, em revistas especializadas em plantas e jardins, as plantas utilizadas, de modo a percorrer o caminho das possibilidades. Os próprios alunos trouxeram informações sobre jardins no

mundo, em diferentes períodos históricos, como o Neoclássico Europeu e o Brasileiro. Alguns duvidavam da possibilidade de amplos espaços ajardinados, portanto, se prenderam a plantas como “Coroa de Cristo” e Primavera (*Bougainvillea spectabilis*), todas reconhecidas pelo espinho e alto teor de riscos ao contato em espaços amplos e públicos. Ao observarem as obras de Burle Marx, reclamaram que ele tinha muito acesso a plantas e a nossa região é muito quente e é preciso de dinheiro, assim, questionaram se iriam comprar mudas e quando iriam ser apresentados para as crianças do sexto ano, que seriam parceiras para o processo de cuidar dos espaços ajardinados no período da tarde. Após muitas conversas e anotações, decidiram dividir os espaços por turmas e produziram desenhos e relatórios, em pequenos grupos, de como iriam realizar o trabalho. Descobriram que é muito difícil compartilhar espaços amplos, e o sentido de espaço é mais amplo do que imaginavam. Flores azuis eram obrigatórias em cercas vivas, sem nenhuma possibilidade de negociação, pois os alunos são diplomatas ferrenhos, entretanto, sofreram na mão do sexto ano, pois estes se revelaram inegociáveis, intransigentes e infantis, o que foi um ponto muito positivo.

Esse aluno do segundo ano do ensino médio, ao analisar o espaço da entrada, que era de responsabilidade deles, antes de escolher os vasos, pensando nos menores, do período vespertino, disse: “Se tivesse um local em que ninguém tocasse, seriam muito mais fácil, então nada de tulipas, rosas e orquídeas, mas cercar de arame farpado é uma ideia.” Os comentários do sexto ano eram feitos por cartas ou, muitas vezes, transmitidos por escrito, para que não ocorressem erros, como falou um aluno do sexto ano, cujo sonho é ser astrônomo: “Queremos pata de elefante, na entrada do Colégio!” Outra aluna, que já se decidiu por ser uma grande arquiteta, afirmou: “Quero um arco de flores igual nos filmes de princesas, para que possamos passar por baixo dele e sentir perfume. Têm que ser coloridas, amarelas, brancas e cor-de-rosa, isto é um jardim, e vou ser arquiteta, pois vou fazer um monte deles ao longo da minha vida.” Ela fazia parte da turma do segundo ano, responsável pela “adoção” da turma dela. Que seja justo deu certo. Eles cumpriram e providenciaram as alamandas (*Allamanda blanchetti*), que ela plantou, em forma de arco duplo no espaço do jogo de xadrez, para complementar os cavalos. Esses e outros comentários deram o gancho para que a discussão

sobre como deveriam ser os jardins viesse à tona. Em seu estudo, que trata da construção do sentido da arquitetura escolar, Kowaltowski assinala que há necessidade de:

[...] humanizar o espaço interno, atribuir-lhe características pessoais, adequar a proporção com a escala humana, para permitir a manipulação do mobiliário pelos usuários, enfatizando a necessidade de paisagismo, harmonia entre os elementos construtivos, as cores e os materiais KOWALTOWISKI, 1980, p. 43).

A proximidade entre a Direção do Colégio e o Ministério Público do Meio Ambiente propiciou uma parceria única, que demonstra a preocupação de proporcionar melhorias nas cidades e nas escolas. Desta parceria, resultou uma doação, por parte de uma empresa multada por destruição do meio ambiente, e fomos um dos selecionados, após a apresentação do Projeto PDE (documento em anexo). Foi discutido com os alunos o que poderia ser adquirido com o valor doado, pois os moldes do Colégio seguem, exatamente, a administração participativa, o que nos rendeu ideias fabulosas e outras sem possibilidades de aplicação. Os vasos grandes, que estão no corredor de acesso do Colégio, os alunos pintaram, levaram para os espaços, colocaram terra e decidiram as plantas que seriam utilizadas, que foram também adquiridas com os valores disponibilizados. O “amor-perfeito” (*Viola cornuta*) foi eleito por todos os alunos, mas a flor-de-maio (*Schlumbergera truncata*) e onze-horas foram aparecendo e brotando do nada. O Colégio ganhou cores mais suaves, pois as paredes passaram a ter as cores pêssego e alaranjado, e os vasos, amarelos. A discussão continuou, para se decidir onde poderia estar um grande jardim para o arco de flores do sexto ano. Um espaço para xadrez, desenvolvido por um projeto do PDE de Educação Física, alguns anos atrás, envolvendo alunos com deficiências, foi indicado como espaço ideal. O Xadrez Humano, nome provisório, compõe-se de cavalos, como símbolo de identificação, esculpida em moldes de gesso e preenchida com concreto, elevados em colunas, o que possibilitou a realização do arco e o plantio da

cerca viva de flores azuis. O tabuleiro foi desenvolvido em concreto e grama, delimitando a área. O professor de Educação Física calculou os espaços e discutiu com os alunos a construção e como seriam desenvolvidos os jogos, e um terceiro teve a responsabilidade de criar formas de produzir as peças constitutivas do jogo. Novas esculturas de cavalos foram feitas, e os alunos decidiram colocar bancos sob as árvores, com cavalos opostos, identificando onde poderiam ficar as peças que saíam. Ao lado, há um pequeno jardim em torno dos pedestais e do próprio banco, e este ganhou *margaridas brancas* (*Brachyscome multifida*) e *as calibrachos*. Eles se dividiram em dois grupos para decidirem o que seria necessário fazer, e inspirados em Burle Marx, utilizaram *trapoeraba-roxa* (*Thadescantia pallida 'Purpurea'*). Como havia mudas demais, levaram um pouco para outros espaços, mas muitas morreram. Nesse segundo momento, a efetivação do plantio foi muito divertida, e as minhocas fizeram o maior sucesso, pelo menos, arrancaram muitos gritos e discussões de que não esse não seria o local ideal, assim, dividiram as plantas por cor, mas estas não combinavam. Foi difícil para a professora interferir, e as plantas mudavam de lugar à revelia de qualquer um, principalmente, quando o sexto ano ficou encarregado de trabalhar com quinze vasos.

Após esses dois momentos, os estudantes perceberam que, em uma construção de espaços verdes, o importante não é copiar o trabalho de Burle Marx, mas criar para viver o espaço e acompanhar o processo: torcer por chuva, acompanhar a construção de cisterna e saber o motivo e o valor dela, porém, lá está um jardim para ser descoberto por quem se interessar em descobrir. Assim:

[...] se pela palavra arte não entendemos uma atividade abstrata do espírito, uma entidade metafísica, mas um conjunto de coisas nas quais reconhecemos uma afinidade estrutural, está claro que não é possível ocupar-se da arte sem se ocupar dessas coisas, isto é, dos produtos das técnicas artísticas. Justamente porque a produção artística está em crise, o problema do patrimônio artístico assume um destaque maior (ARGAN, 2010, p.85).

Que a construção de um jardim não tem dono, isto é claro, talvez, por isso, são espaços que merecem interferência de interessados e agregam muito, mas, antes de tudo, é preciso olhar, regar e plantar, e as formigas existem.

Em seguida, foram utilizadas as flores de maio e o jasmim, que o sexto ano nunca tinha visto, nas escadas que precisavam ser ladeadas, espaços estes não previstos. As orquídeas doadas foram amarradas em árvores e arbustos, mas caíram durante uma tempestade. Começar de novo, sempre! Análise das imagens de desenhos técnicos, disponíveis geralmente nos livros didáticos, mas com complementos através de obras de arte como dos impressionistas, neoclássicos e românticos, que desenvolveram seus trabalhos através da observação da paisagem, e a compreensão de como a mesma se constitui, como descreve Van Gogh:

“Ele é rodeado de arcadas como nos edifícios árabes, pintado de branco. Em frente dos arcos, um velho jardim com um tanque no meio e oito canteiros, miosótis, heléboros, anêmonas, ranúnculos, goivos, margaridas, etc. E sob as arcadas, laranjeiras e aloependros. É, pois um quadro cheio de flores e verde da Primavera”. (Walther, F. Ingo, 1990, p.61).

Os jardins ganharam popularidade na Europa a partir dos séculos XVII e XVIII, com os Os Jardins Franceses e Ingleses, sobre os quais há diversos estudos e muito material escrito a que a população tem acesso. Os jardins estavam presentes no imaginário da população, na vida dos reis e nos contos de fada. A educação, na época, era privilégio do clero e da nobreza, porém, quem se apropriou dos jardins foram os camponeses que, mesmo utilizando as plantas como alimento, desenvolviam jardins coletivamente, como forma de entretenimento da comunidade.

Inicialmente, os jardins e os desenhos de botânica permitiram que pesquisadores buscassem plantas de caráter medicinal ou para decoração.

Assim, percorreram Creta por volta de 1.700 anos atrás, em busca de lírios, açafão e outras flores usadas para decorar vasos e paredes de quartos. Segundo Rix (2012, p.38), um jardim botânico privado “foi cultivado com grupos de flores ordenadas de acordo com seus diferentes países ou origem.”.

Os primeiros jardins brasileiros tinham forte caráter europeu, influenciados por Inglaterra e França, mas foi no Rio de Janeiro que Burle Marx, na década de 1970, desenvolveu um jardim de 4,5 quilômetros de extensão, no qual combinou pintura e paisagismo. Foi ele quem imprimiu um caráter pictórico, incorporou plantas brasileiras em suas criações, descobriu novas espécies que levam seu nome e fez do jardim uma “experiência estética”, pensando em mudanças e na ação do tempo, ou seja, criou jardins à frente de seu tempo e não estáticos. Para KATO (2008, p. 35), os jardins de Marx são “fruto do esforço de um homem que preferia “pecar pelo excesso a parar por covardia”“. Quem não se lembra dos efeitos que causam ao mundo as calçadas de Copacabana?

Os alunos se dedicaram a criar jardins para um espaço escolar, em um amplo ambiente, para que todos pudessem apreciar flores, levar mudas, roubar presentes, enfeitar os cabelos, levar para casa e tirar fotos das floradas. Assim, admiraram as íris (*Iris albicans*), olharam para os vermelhos e os contrastes, sentaram em torno dos vãos para arrancar mato, contaram botões de camélia, que não viraram flores, retiraram seus pulgões, mas revelaram absoluta convicção de que, no ano que vem, elas vão se abrir e mostrar suas cores. A morte por afogamento de algumas plantas foi inevitável, mesmo com a organização de regas ocorrerem chuvas, e a certeza de que os vasos estavam sem água, portanto continuaram aguando, para descobrir que é preciso sol, e as incertezas permitiram novas mudas, que chegaram de forma sorradeira e brotaram. Muitos não tinham jardins, não haviam plantado flores, por serem “velhos”, não prestavam atenção em crianças, ainda mais nas do período da tarde, que eram seus próprios irmãos. Leram, tentaram responder as cartas nos de horários de aula, mas havia provas, pressões... Riram, mostraram as cartas aos amigos, fizeram presentes para o dia das crianças. Guardaram sementes de girassóis, para cultivarem o ano que vem, pois desejam ter um campo de girassóis. Afinal, chegamos a Vincent Van Gogh.

Os sextos anos querem plantar, de preferência, uma vez por semana, assim, as bacias, hoje, já trocaram de flores, estão cheias de *calanchoes*; os do período da manhã estranham as mudanças, mas, diante da florada das onze-horas, que recobrem os altos vasos, concordaram, que realmente, a confusão colorida, ou seja, a mistura de mudas é até interessante.

Os adolescentes ficam abismados em saber que flores precisam de empenho e cuidados, que jardins não são imediatos e que a pata de elefante do sexto ano não foi possível.

Alguns, em aulas posteriores, desenharam para enviar cartas para os amigos desconhecidos do sexto ano, explicando o motivo de terem plantado outras espécies em vez das sugestões dadas.

Quantas lembranças foram criadas, quantas histórias contatadas pelos amigos, no corredor, e ouvidas com interesse por todos que estavam participando. Houve intercâmbio de informações sobre a origem de determinada muda, o jardim da casa do amigo, que, na região, era o mais comum, ou a “praga” e o cosmos (*Cosmos sulphureus*), que não nasceu nos trinta dias previstos, a planta tem um ciclo de vida de apenas um ano, mas as sementes germinam rapidamente substituindo as mais antigas, e agora timidamente estão se revelando, amarelas.

Os jardins investem radicalmente na pluralidade e possibilitam diferentes práticas de cultivo, amizades, opções de composição, visualização de cores e contatos para aquisição de mudas, que pode ser da casa dos avós. Com os professores de ciências e biologia, os alunos puderam refletir sobre: como cultivar e por que as plantas morrem. Assim, a experiência do jardim propiciou uma prática de construção muito diversificada.

“O terceiro conceito na percepção jardim e talvez o mais importante seja por fim que o passeante elabore para si no próprio movimento de seu passeio é quando o pintor sede lugar ao cimento, a construção da imagem do jardim efetua-se com base na experiência da modalidade e do ponto de vista” (MARX, Burle, 1994).

Os desenhos foram entregues para serem anexados, porém estamos em fase de término do Jogo de Xadrez e as interrupções foram inevitáveis: muita chuva, feriados, avaliações, questões do dia a dia.

A maioria dos alunos nunca tinha ficando frente a frente com um vaso e duzentas mudas, o que exigiu o auxílio dos professores de biologia e dos Agentes do Administrativo Dois do Colégio, que se envolveram na solução de problemas, o que foi muito importante.

A água do ar condicionado foi conduzida para vasos com mudas de suculentas que estavam em terrários desenvolvidos em um trabalho de ciências. Assim, essas suculentas foram transplantadas em vasos, valorizando o reaproveitamento de água.

Houve uma seca muito grande, o que mobilizou os alunos do período noturno, pois as plantas, mesmo tendo sido aguadas no período matutino, não iriam resistir. Desse modo, houve regas noturnas duas vezes por semana, silenciosamente, como só os grandes jardineiros conseguem fazer.

O aluno do sexto ano tem pouco ou nenhum contato com o do ensino médio, porém, alguns, que estudam no período matutino por serem TDH, burlaram o sistema de cartas e se apresentaram para os amigos e, claro, contaram para a professora que ele era muito gente boa.

Houve o momento em que já estavam familiarizados com a metodologia do plantio, com as escolhas de cores, com as composições e com regas, assim, explicavam, com infinita paciência, todo o processo, para os alunos que chegavam transferidos.

A grande maioria, que já dominava o sistema de jardins, começou a se arriscar na topiaria, pois creditam que, talvez, seus filhos poderão desenvolver o processo no arbusto plantado para isso, e ainda discutem a possibilidade de plantar patas de elefante.

Houve uma divisão de mudas que foram para casa dos alunos, dentro de pacotes arrumados de improviso. Eles prometem produzir mudas para trazer no ano que vem, incluindo, as orquídeas, que abriram flores fora de época, segundo o calendário que eles organizaram sobre as floradas, a partir de informações colhidas via celular.

Os jardins estão presentes nas grandes cidades e nos quintais das casas, mas são necessários no espaço escolar, para propiciar uma convivência harmônica e para desenvolver a consciência de que é preciso cuidar do que pertence ao coletivo. A primeira florada do arco de flores não vai acontecer este ano, além disso, alguns alunos quebraram as ponteiras que continham botões, portanto, não será este ano que poderão se imaginar em um jardim secreto. Por outro lado, são alunos que mais tarde estarão inseridos na distribuição de mudas, limpeza de canteiros, processo de aguar, organizar e retirar mudas de um lugar para o outro, reconstruindo espaços e cores. O aluno inserido na arquitetura escolar, em uma linguagem artística voltada para o cotidiano em constante transformação, passa a assumir responsabilidades diante dos desafios da vida. Quando chegam à escola, os estudantes trazem consigo conhecimentos que não são os sistematizados pela escola, mas alimentados pelas linguagens da arte, da pesquisa, do ouvir e do observar o entorno e o resultado de seus fazeres, desenvolvem responsabilidade e são motivados a criar e construir resultados.

A atividade de arte dos jardins precisa ser transformada em um processo prazeroso, que extrapola a escola, pois, ao desenvolver ações significativas e com compreensão, o aluno se tornará um sujeito que consegue elaborar elementos para a sociedade, cultivando não apenas jardins, mas um senso ético e estético para seu próprio desenvolvimento.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

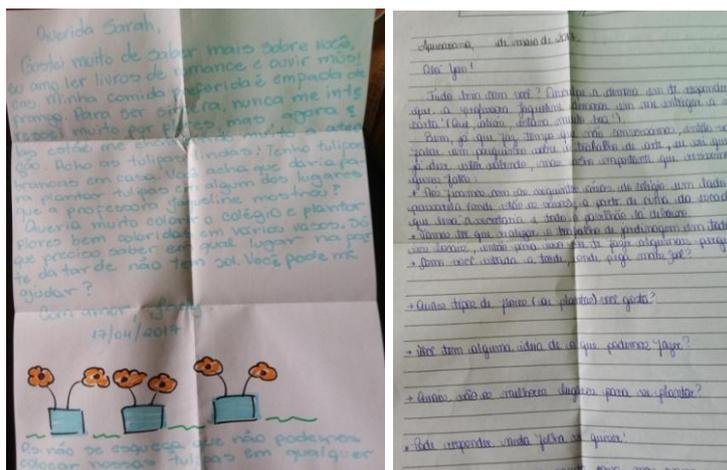
Celosia argenta avr. cristata O prefixo *argent* – em um sistema binominal de nomenclatura indica que a planta apresenta coloração prateada, como em *argentatus* e *argenteus*. É, “portanto, bastante surpreendente descobrir que este é o nome da crista-de-galo”. (2012, pg.30)



PDE-2017 (*Heliconiaceae*, *Cosmos sulphureus*, *Philodendron undulatum*, *Tradescanti pallida* 'Purpurea').



De Burtel Marx, Jardim da casa de Edmundo Cavenellas, agora residência de Gilberto Strunk, Petrópolis, 1954.



PDE 2017- Cartas dos alunos do 2º ano para os do sexto ano vespertino.

Foi gratificante observar os alunos rindo com flores atrás das orelhas, se inclinando para conferir se a terra estava seca, retirando uma ervadinha, plantando algo desconhecido, pelo gosto de produzir, ou aguardando

sem pedir, pois os regadores estão disponíveis e as cisternas também. É preciso repensar arquitetura escolar, como aponta KOWALTOWSKI (2011, p. 168): “A natureza ensina aspectos das estruturas ecológicas com diversidade, como um estímulo ao pensamento criativo”, e repensar a prática de pesquisa em ensino permitiu muitos caminhos.

Como estará essa produção o ano que vem? Estamos esperando os brotos de nossas alpínias-variegadas (*Alpinia zerumbet*), dos inhames-pretos (*Colocais esculenta* var. *aquatilis*), dos lambaris (*Tradescantia zebrina*) e de nossos canteiros de rosas. Os alunos ensinarão, aos outros que virão as práticas de seu cotidiano, e acompanharão as plantas crescendo de forma desordenada, os jogos de xadrez em meio ao verde, uma ideia de Burle Marx, realmente, possível realizar, com dedicação. É preciso construir, rever os espaços e as cidades, desenvolver a cultura e a educação, plantar e cultivar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo; História da arte como história da cidade; tradução Pier Luigi Cabra. 5 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

ARNHEIM, Rudolf; Intuição e Intelecto na arte: tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

BANDEIRA, Julio e Pedro Corrêa do Lago. Debret e o Brasil Obra Completa 1816-1831.ed. Capivara 2013.

CARTAS DA UNESCO portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. 42.ed.Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

HARRISON, Lorraine. Latim para Jardinistas : Editora Europa Ltda, 2012.

JACOBS, Jane; Morte e vida de grandes cidades; tradução Carlos S. Mendes Rosa;3. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JODIDIO, Philip. Niemeyer: A Alvorada Passada e Futura; Lisboa; Taschen, 2012.

TASCHEN, Benedikt: Van Gogh; tradução Maria Odete Gonçalves Koller; Ed. Paisagem, 1990.

KOWALTOWSKI, Doris C. C.K.; Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Editora Oficina de Textos, 2011.

LEENHARDT, Jacques; Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994.

MOLL, Luis C. Vygotsky e a educação: Implicações Pedagógicas da Psicologia sócio- histórica; trad. Fani A. Tesseler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RATNER, Carl. A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas; trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

READ, Herberth. A educação pela arte; tradução Valther Lellis Siqueira. São Paulo: editora Martins Fontes, 2001.

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade; tradução Eduardo Brandão. São Paulo. Editora Marins Fontes, 2001.

RUSKIN, John. As pedras de Veneza; tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

SEGAWA, Hugo. Ao Amor do Público Jardins no Brasil. São Paulo Studio Nobel. FAPESP, 1996.

MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. Normas e padrões para teses, dissertações e monografias, 5. ed. Londrina : Editoria da UEL, 2003.